

**LUANDINO VIEIRA E OS MUSSEQUES DE LUANDA.** Lílían Barbosa, Rubens Pereira dos Santos. – Inter-áreas – Literatura- Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

O objeto de estudo do presente trabalho é o livro de contos *Luanda* (1964) do escritor português naturalizado angolano Luandino Vieira. O referido livro é composto por três contos: “Vavó Xixi e seu Neto Zéca Santos”, “Estória do Ladrão e do Papagaio”, e “Estória da Galinha e do Ovo.” A temática central dos contos mencionados é a organização sócio-cultural, os conflitos coloniais e a multiplicidade da linguagem angolana representada no espaço dos Musseques – bairros periféricos de Luanda (capital de Angola). Cabe mencionar que cada região de Angola possui uma determinada língua nativa, o que compõe um intrincado quadro lingüístico, pois é bastante comum que as diversas tribos não dominem o idioma umas das outras, este fator dificulta a comunicação das mesmas. No entanto, a língua portuguesa, imposta pelo colonizador ao povo angolano, serviu para aproximar as culturas africanas e facilitou o entendimento, já que a maioria das comunidades passou a falar dois idiomas, isto é, além do nativo, o português. É lícito esclarecer que o objetivo primordial do colonizador não foi exatamente este, mas sim, valer-se da língua como objeto de dominação. Neste sentido Alfredo Margarido tece uma consideração importante:

Podemos todavia ir um pouco mais adiante, perguntando como se formaram através da história as comunidades nacionais, encaradas como produto histórico que realmente são. E não será difícil constatar que os elementos que servem de estrutura a tais comunidades são: a comunidade de língua, a comunidade de território, a comunidade de vida econômica, a comunidade de formação psíquica e de cultura.

(Margarido, 1980: p. 247)

Porém, o projeto português não surtiu os efeitos desejados e séculos de imposição lingüística resultaram não na absorção pura da língua portuguesa, mas sim na elaboração de uma língua híbrida que utiliza marcas da oralidade e constrói uma estrutura lingüística única e inovadora, ou seja, a apropriação da língua do colonizador passou irremediavelmente pelo filtro da população que a reinventou ao mesclar ao português os falares e o contexto cultural múltiplo que constitui a nação angolana. Diante de tal quadro, parece-nos pertinente a execução de um estudo acerca dos efeitos produzidos por essa realidade lingüística produtora de cultura. A inclusão da oralidade no enredo eleva a voz marginal, e é característica mais relevante da rede discursiva estando presente em todo o corpo do texto, os contos refletem na estrutura narrativa o referido hibridismo lingüístico existente em Angola, mais precisamente nos musseques. O texto mescla a língua portuguesa com o quimbundo evidenciando assim a influência da segunda sobre a primeira. Passemos a um exemplo extraído do conto *vavó Xixi e seu Neto Zéca Santos*:

N’ga Xixi sempre teve fama de refilona. Calma e com semblante magra e chupada pela idade já bem avançada, sempre soube responder a altura o neto. Com voz alta, disse: (1)

- Sukuá ! Então você, menino não tens é vergonha? ... (2)

Ontem não te disse dinheiro ‘cabou? Não disse para o menino aceitar serviço mesmo de criado? Não lhe avisei? Diz só: não lhe avisei?” (p. 08 )

ou ainda:

- Sente, menina! Mu muhatu mu ‘mbia! Mu tunda uazele, mu tunda uaxikelela, mu tunda uakusuka...” (p. 19)

Dito popular quimbundo que significa:

(A mulher é como a panela: dela sai o que é branco, o que é preto, o que é vermelho...)

Os fragmentos selecionados são compostos por uma mescla de vocábulos em português e quimbundo, sendo que os do segundo caso foram extraídos do repertório oral dos musseques, isso é possível por Vieira ser um escritor bilingüe, já que desde muito jovem fora morador de um bairro periférico de Angola, a transposição do modo de falar marginal para a língua escrita ilustra a resistência que os idiomas africanos têm em permanecer vivos e ainda valoriza a linguagem dos musseques. Atentemos para a afirmação de Salvato Trigo em seu livro *Ensaio de Literatura Comparada (Afro- Luso- Brasileira)*:

O escritor colonizado, prisioneiro, responde a violência do sistema colonial e à tortura do sistema lingüístico português. Ele sabe que, desfigurando a língua do colonizador, vinga a afronta e a proscrição dos seus direitos de cultura e de civilização. (...)

O colonizado vai, portanto, à escola aprender a língua do colonizador não para respeitá-la mas para violá-la. Ele sabe que, se falar bem o português, será aceite pela sociedade colonial, ao mesmo tempo em que desenvolve o seu conhecimento de estrutura mental e simbólica do colonizador, o que lhe permitirá fazer um trabalho clandestino de destruição, por meio duma *escrita* aparentemente ingênua, mas profundamente envenenada. Ingênua, na simplicidade dos seus processos morfo-sintáticos; envenenada, pela existência de dois processos semióticos paralelos, um europeu e outro africano, em que a semântica textual funciona diferentemente.” ( Salvato, 1985, p. 150) (3)

É precisamente isso que Luandino Vieira realiza com sua narrativa inovadora. A transposição das marcas de oralidade para o texto escrito conferem ao quimbundo contornos literários , desse modo o narrador desconstrói a idéia de que a língua portuguesa seria a única forma de expressão cultural, cabe dizer ainda que as “escrituras” portuguesas muitas vezes encobriam um certo racismo para com as colônias. Pode-se considerar Viera um escritor com tendências ao realismo político, porém não se pode neste caso confundir realismo político com literatura “panfletária”, uma vez que toda sua construção artística aflui para o literário, prova disso é que a narrativa é manejada de modo irônico e humorado até mesmo quando trata de temas densos:

- Olha só, Zéca!? O menino gosta de peixe d’ontem?

Espantado, nem pensou mais nada, respondeu só, guloso:

- Ai, Vavó! Está onde então?... Diz já, vavó, vavó sabe eu gosto. Peixe d’ontem...(.)

- Sente, menino! Se gosta peixe d’ontem, deixa dinheiro hoje, para lhe encontrar amanhã!”

(p. 37-38 )

No decorrer do desenvolvimento do presente projeto foram realizadas leituras críticas dos textos literários de Luandino Vieira; leitura e fichamento de textos críticos acerca de literatura africana; leitura e fichamento de textos jornalísticos; levantamento de dados históricos relativos à cultura angolana. Os resultados ainda são parciais, mas permitem uma divulgação de tudo que está sendo investigado e quais os próximos passos a serem dados para a conclusão da pesquisa.

---

## Notas

1. N’ga - Forma abreviada de dizer Ngana, senhora.

2. Sukua! - Expressão que equivale a “bolas”.

3. Comunicação apresentada ao Colóquio sobre “ Récits de Vie”, organizado pelo Centre de Sémiotique Textuelle da Université de Paris X, de 26 a 28 de abril de 1985.

## **BIBLIOGRAFIA.**

**VIEIRA**, José Luandino. *Luuanda*. São Paulo, Ática, 1982.

**TRIGO**, Salvato. *Ensaíos de Literatura Comparada Afro-Luso-Brasileira*. Lisboa, Vega Universidade, 1985.

**MARGARIDO**, Alfredo. *Estudos Sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*. Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.

**SCÜLER**, Donald. *Teoría do Romance*. São Paulo, Ática, 1989.

**HAMON**, Philippe. *Um Discurso determinado*. In: **BARTHES**, Roland. Et alii. *Literatura e Realidade (que é realismo)*. Trad. De Tereza Coelho. Lisboa: Dom Quixote, 1984. p. 129-194. (**Arte e Sociedade**, 3)

**PELEGRINE**, Tânia. “Gêneros em Mutação”. In: *A imagem e as letras*. São Paulo: FAPESP, 1999. P. 79-121.

**BRAYNER**, Sônia. “Lima Barreto: Mostrar ou significar?” In: *Labirinto do espaço romanesco*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1979. p. 145-176.

Bolsa: PAE